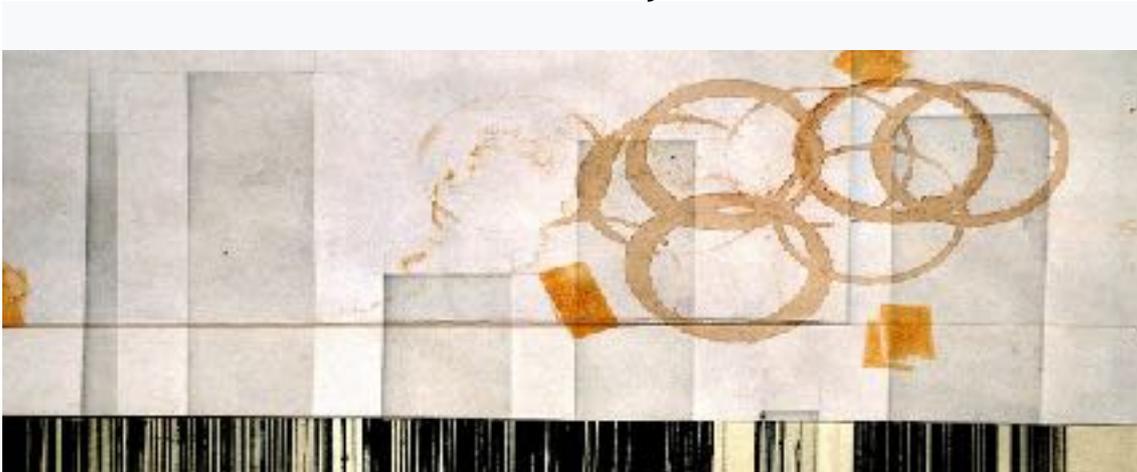


O caminhante como ativador de descolamento de sentidos

Edith Derdyk



WALKING PRACTICES/WALKING ART/WALKING BODIES

International Encounters/Conference Prespes, Greece. July 1st to 7th,
2019

Na paisagem contemporânea trilhas se abrem para provocar e agenciar métodos, programas, estratégias e enunciados visando a prática da caminhada, não apenas como procedimento poético, mas também como leitura etnográfica, antropológica e até filosófica. O ato de caminhar é matéria indisciplinar: entrecruzamento de distintas áreas do conhecimento, projetando e incorporando experiências atávicas, simbólicas e existenciais referentes ao nosso percurso civilizatório. Na cena artística brasileira estas ações, focadas na ‘metáfora do encontro’, se distanciam do “produto vendável”, problematizando e ressignificando o circuito artístico que compreende o tripé criação/produção, circulação e consumo.



Ao nos darmos conta de que somos a única espécie animal ereta que caminha longas distâncias, estendendo rotas pelo planeta inteiro, desde sempre, desde os tempos arcaicos e imemoriais - cruzando horizontes, interligando saberes, trocando sabores, imaginando encontros inesperados, desenhando novas rotas/roteiros para territórios já mapeados -, o aspecto temporal, além do deslocamento espacial em si, se torna um elemento agregador, tonalizando as camadas que se sobrepõem na construção das narrativas oriundas desta experiência. E tem sido recorrente que tais narrativas poéticas enfatizem a balança vertiginosa entre o cotidiano e o desconhecido, o enfrentamento do inesperado, o estranhamento do outro, o chamado da evasão, a constatação do exílio, a vocação do nomadismo e a eterna busca do refúgio e aconchego, enfatizando, sobretudo, o atravessamento de fronteiras.

As experiências de deslocamento espaço-temporais são pilares para o campo da invenção e construção de conhecimento - na Arte, Ciência e Técnica. A presença recorrente do ato de caminhar como substância poética na cena contemporânea traduz, impacta e introduz nossos anseios éticos, poéticos, estéticos, de forma constitutiva, nas problemáticas socioculturais a serem visibilizadas, sinalizadas, legitimadas compondo uma nova e outra paisagem geopolítica global. Talvez o ato de caminhar seja uma espécie de manifesto do transbordamento das fronteiras entre ética, estética, política, principalmente em momentos tão turbulentos pelos quais estamos vivendo. Tais palavras tem adquirido muito relevo, seja na política, seja na arte: margem, fronteira, borda, limite, muro, contorno, centro/periferia. São palavras-chaves muito presentes e, de certo modo, inflacionadas. O atravessamento de muros invisíveis instalados, corrosivamente, nos territórios urbanos e rurais, instauram no corpo uma colisão de desejos entre a necessidade suprema de evasão, mobilidade, deriva, deambulação, travessia, nomadismo por um lado e, por outro lado, a busca de refúgio, habitação, aconchego, gerando uma fricção libertária, um corpo que sempre escapa. De outro modo, o agrupamento humano em ilhas fechadas, condomínios culturais, bolhas legendadas por palavras de ordem, ancoradas num modo de produção baseado no sistema financeiro especulativo, cujo projeto econômico modela o corpo num âmbito funcional, pragmático, eficiente e competente, que corresponda às demandas produtivas exigidas pelo mercado. instauram um corpo encerrado na imobilidade e sedentarismo permanente.

Daí a extrema importância deste encontro em Prespes - além de fomentar a caminhada como método poético, ativa as fricções de resistência a este fluxo líquido, impressas nas relações humanas, alvo de capturas moduladas por um modelo de vida capital, encapsulando nossos corpos, sonhos e desejos num modo de existência que contraria a vocação originária da própria razão de ser a vida - a nossa grande aventura coletiva das mudanças perceptivas que o campo da arte pode oferecer como o passaporte fundante para o deslocamento.



Proponho aqui um recorte: **o caminhante como ativador de descolamento de sentidos**, quaisquer que sejam os motivos e as intenções prévias de alguma caminhada. Sem caminhante não há caminho! Sem corpo não há caminhante! Sem o primeiro passo, não existe caminho. E todos os passos serão, sempre, um primeiro passo. O imaginário que nasce desta prática poética, nasce pela condição *sine qua non* da presença de um corpo, ou de corpos, em deslocamento: corpo que observa e absorve, corpo que restaura memórias soterradas, corpo que projeta ações para ativar outros significados na paisagem percorrida, liberando percepções, reinventando horizontes. A constatação física do território convoca conexões temporais, dada a presentificação do presente, promovendo evocações do passado e vontades de futuro. E claro, os relatos - que são os testemunhos cúmplices do caminhante - legitimam a experiência singular, cartografam narrativas que se desdobram em distintas materialidades: de livros de artista a performances, de textos a fotografias, de instalações a intervenções.

O artista-caminhante é um menir ambulante, incorporando *personas ou devires* em sua caminhada: peregrino, expedicionário, errante, nômade, pedestre, viajante, flaneur, situacionista, surrealista.... E cada *devir* tonaliza modalidades qualitativas no modo de caminhar - derivar, deambular, flunar, atravessar, perseguir, tropeçar, parar, pular, correr, deslizar ... E cada *devir* ativa camadas de leituras: antropológica, urbanística, histórica, etnográfica, científica, poética...E cada *devir* inscreve na paisagem outras interpretações...E cada *devir* acorda, no corpo do caminhante, espacialidades e temporalidades descolando escrituras e leituras inventoras de paisagens que habitam os territórios percorridos ou a serem percorridos - o caminhante é um escritor e um leitor ao mesmo tempo. O deslocamento seria uma espécie de *partitura coreográfica*, provocando descolamento de sentidos.



Surgem perguntas que entendo como recorrentes e estruturais nos vários relatos de caminhantes, através dos tempos:

- Que corpo é este que manifesta a compulsão de atravessar e ser atravessado pelos territórios e pelos tempos?
- Quais seriam os impulsos que qualificam os caminhos, um tanto oscilantes, entre os desejos de refúgio e evasão, os de estranhamento e pertencimento?
- Quais seriam as dramaturgias que emergem daquilo que nos difere, compreendendo o ato de caminhar como uma metáfora dos encontros das diferenças?

- Como construímos os relatos, as narrativas, as imagens reveladas no embate entre a representação mental do lugar - o mapa - e a experiência física do lugar - o território - , realizada na linguagem ?
- Quais seriam os modelos *a priori* que regem nossa sensibilidade?
- Sendo o ato de caminhar imbuído de uma necessidade atávica, o que tem de tão contemporâneo nesta ação?

Bem, são estas algumas das pedras no sapato, digo, algumas das questões recorrentes que habitam os interstícios de qualquer caminhada, entrelaçadas com o programa do caminhante que almeja cartografar pedaços de mundo.

Para apresentar aqui um mapeamento de minhas pesquisas e experiências, irei compartilhar com vocês dois momentos:

1. Como educadora abordo, rapidamente, o programa que concebi e coordeno para a Pós Graduação Lato Senso: ***Caminhada como Método para Arte e Educação***, com duração de 2 anos. Acontece na A Casa Tombada, local multicultural na cidade de SP, Brasil.

2. Como artista-caminhante apresento o projeto ***Pelas Margens de SP*** : uma caminhada de 220 kms pelos limites da cidade metropolitana de São Paulo, com duração de 14 dias, realizada em 2017 com Renato Hofer e Inês Bonduki - ambos artistas mas arquitetos de formação.



sobre a Pós Graduação Lato Senso: CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO

O ato de caminhar congrega uma transversalidade no campo do conhecimento - ação antiga e permanente, presente em todo o arco civilizatório. Para tanto, o corpo docente desta Pós Graduação é composto por artistas, escritores, fotógrafos, performers, e também por cientistas - das exatas e das humanas : antropólogo, arquiteto, astrônomo, biólogo, filósofo, cartógrafo, geógrafo, historiador, etc.....

O programa se estrutura a partir do enunciado “*caminhada como método*”, compreendido como dispositivo para ativar a produção de conhecimento através do cultivo dos sentidos. A palavra *método*, [grego antigo](#) *methodos*, é composta por *metá* - 'depois' ou 'o que segue' + *hodós*, 'caminho', significando literalmente '*como seguir um caminho*'. Portanto focamos na construção da passagem entre “*a poética da experiência do ato de caminhar*” para “*a experiência da poética*”, a partir dos relatos materializados, oriundos desta ação. Caminhar é experiência intransferível: efêmera, impalpável, impressa nos traços de nosso DNA. Como visibilizar a rede de experiências que nascem do ato em si de caminhar, vertidas para a linguagem artística, propositora e ativadora de sensibilidades? O programa oferece repertório iconográfico, chaves teóricas/conceituais, workshops com distintas linguagens, imersões em espaços urbanos e rurais, para ressignificar as conjugações do corpo e seus deslocamentos espaço-temporais.

Em tempos tão turbulentos, tais como os atuais, atravessados em nossa jornada planetária por questões cruciais à sobrevivência material e espiritual, dada as urgências que solicitam programas de proteção ambiental e preservação da ecologia humana em todas as instâncias, o “*ato de caminhar*” se reveste de outras camadas que ressignificam o ato artístico, visando leituras simbólicas, existenciais, etnográficas, antropológicas e outras. A extrema necessidade de retomar as medidas do corpo e as extensões perceptivas espaço-temporais se tornam alavancas para a desaceleração como modalidades de resistência à velocidade que o ambiente virtual, tecnológico , comunicacional, bem como os modos de produção, impõe como padrão de vida funcional, pragmático, produtivo. Problematizar os impactos do cotidiano sobre as nossas vidas 'comunitárias' se torna vital, dada a exploração violenta dos recursos naturais e humanos. A questão da mobilidade social, física, territorial se coloca num primeiríssimo plano para as emergências geopolíticas atuais - fluxos migratórios, fronteiras público X privado, nomadismo X sedentarismo, o desejo de evasão e a busca de refúgio, o desafio das outridades e alteridades. Constatando o exaurimento dos modelos vigentes, da crise aguda das representações, esta Pós Graduação surge como a materialização do chamado para a superação destes limites e fronteiras, convocando nossa eterna vitalidade em direção à conquista heróica e mítica do desejo do deslocamento.

Os núcleos de trabalho giram ao redor destes temas e derivações:

1. Caminhada e seus percursos históricos - do Neolítico à Arte Contemporânea
2. Caminhada e a História do Corpo - do funcional ao poético
3. Caminhada e os saberes da Ciência
4. Caminhada na Literatura e Filosofia
5. Caminhada e as modalidades de registro - desenho, fotografia, vídeo, escrita
6. Caminhada na paisagem urbana e natural: mapa e território, cartografias poéticas

Para conhecer o programa, os conteúdos, o corpo docente, o formato da Pós Graduação, segue o link abaixo: <https://acasatombada.com.br/caminhada-como-metodo-para-a-arte-e-educacao-1osem-2020/>





sobre o projeto PELAS MARGENS DE SÃO PAULO
 fevereiro de 2017 - Edith Derdyk + Renato Hofer + Inês Bonduki

“Através de nossos trajetos cotidianos elaboramos uma série de rituais que são como marcos do espaço, mas que, ao mesmo tempo, são a expressão da fuga ou, pelo menos, os sinais de uma simulação do exílio. Nada disso é fortuito. Mesmo com tudo organizado é possível perder-se também. De fato, ‘não achar seu caminho numa cidade não quer dizer nada. Mas perder-se numa cidade como alguém se perde numa floresta exige uma educação completa. Nesse caso, placas de lojas e nomes de ruas, transeuntes, tetos, quiosques ou bares devem falar ao caminhante como um raminho que se quebra sob os seus pés na floresta, como o pio assustador de um alcaravão à distância, como a súbita quietude de uma clareira com um lírio erguendo-se bem ereto no seu entro. Paris me ensinou essa arte de vagar.”

Walter Benjamin , "A Berlin Chronicle" in: Reflections: essays, aphorisms, autobiographical writings



Fotografia: Edith Derdyk

Segue breve relato da travessia circular ao redor periférico de SP, a maior cidade da América Latina, área de 1.521 km², a oitava metrópole mais populosa do planeta, cerca de 21 milhões de habitantes.

A ideia da caminhada surgiu do encontro de 3 caminhantes cujos procedimentos são distintos no modo de caminhar, registrar e organizar uma narrativa. A realização desta tarefa hercúlea - enfrentar uma cidade-tentacular - nasceu da necessidade de aproximação de tudo o que nos difere como caminhantes - quase como vislumbrar o enigma que amalgama o próprio desejo de caminho: deslocar e se descolar de si mesmo; sobrepôr e acumular em camadas leituras diversas, cartografando de modo distinto o mesmo território. O desenho, a escrita e a fotografia/ vídeo são nossas máquinas de captura.



Desenho Renato Hofer



Fotografia: Edith Derdyk

Nos juntamos nesta empreitada - caminhar pelas margens da região metropolitana de São Paulo. Usualmente a apreensão desta extensão é dada pela travessia motorizada. Desejávamos capturar o território da cidade pelas medidas do corpo, pela planta dos pés - e por isto mesmo caminhar, intensamente - atravessar e ser atravessado, sem mediações, para alcançar as fronteiras em trânsito: de norte a sul, de leste a oeste, investigando a dimensão gigante da cidade onde habitamos - afinal, onde a cidade inicia e onde termina. Quais são os seus contornos? Caminhar seria como instantes estendidos de um livro em aberto, mapeando o desconhecido de uma metrópole cujas dimensões e realidades nos escapam.



Demoramos 8 meses para traçar um roteiro prévio: entender o mapa, buscar pontos de apoio, locais de pouso, estabelecer rotas e distâncias entre um ponto e outro, buscar interlocutores que nos recebessem - escolas, ongs, centros culturais da periferia, pequenos hotéis-, enfim, locais que, estrategicamente no mapa, completassem um X de horas de caminhada diária, para darmos conta da trajetória idealizada.



Fotografia: Edith Derdyk

Nossa jornada iniciou antes mesmo de caminharmos literalmente, colocando os pés no chão das ruas, travessas, avenidas, atalhos, pontes, vielas, becos, tuneis, vias expressas, marginais, trilhos de trem, barcos, represas, ladeiras, morros, parques, calçadas, chão de terra, pedra e cimento, rios, esgotos, viadutos, praças, parques industriais, igrejas, muitas igrejas.

Desenhamos linhas de contorno abarcando a pele da megalópoles que habitamos. Diante do mapa, parecia que estávamos nos preparando para ir à lugares inacessíveis sem saber a língua, sem ter comunicação, como caminhar no meio de um deserto cheio...mas estávamos apenas A convocação desta travessia nos soava como tarefa desafiadora - enfrentar os imaginários reais de um território murado numa cidade como São Paulo, cidade tonalizada pela violência, medo, desconfiança, pobreza mas também pela riqueza híbrida da cultura popular, pela beleza dos encontros vivos nas ruas que escapam ao controle do planejamento urbano, pela possibilidade de humanizarmos as regiões cegas, pela ultrapassagem das cercas blindadas que diferenciam as classes sociais, tão desiguais. A vontade da travessia nos colocou nesta condição enigmática -seríamos estrangeiros em nossa própria cidade.



Fotografia: Inês Bonduki

Antes de iniciarmos a empreitada, a imagem do confronto com aglomerações construídas e aglomerações humanas figurava um caminho quase intransponível. No decorrer da travessia, vivenciamos uma megalópoles feita por tracejados de aldeias reminiscentes, por vezes tribais em sua forma de organização. A cidade devastadora, aglutinadora, que gentrifica feito um buraco negro, conserva, ainda, em suas bordas, os traços da convivência urbana como espaço de encontro, e não apenas como suporte isento, sem marcas, espaço liso para estados em trânsito. A cidade, em seus detalhes, deixa de ser um suporte pragmático, herança da instauração dos carros como signos da velocidade produtiva, para se mostrar como tabuleiro lúdico.



fotografia:Edith Derdyk

Nossa caminhada em fevereiro de 2017 coincidiu com a passagem de 1 administração municipal cuja herança foi humanizar a cidade, implantado ciclovias inéditas, ativando a presença de blocos carnavalescos nas ruas, ocupação das praças, para uma gestão conectado ao pensamento neoliberal, privatizando espaços públicos, tolhendo o espírito de cidadania, cujo lema foi justamente “Acelera São Paulo!. Seja veloz,rápido, eficiente. Funcione! Cito estes fatos pois acredito que não conseguiríamos vislumbrar esta caminhada no cenário da atual política vigente que, além do espírito da privatização, arma os cidadãos promovendo mais insegurança e desconfiança.



Fotografia:Inês Bonduki

Caminhar, sobretudo, é veicular cumplicidade, confiança, segurança dos direitos de cidadania que se apropria do espaço urbano como sendo sua própria moradia. Desacelera São Paulo é o nosso contrapiso. Ou dito de outro modo - o corpo é a ponta do lápis na planta dos pés.



Fotografia: Inês Bonduki

A plataforma política/econômica construída, anteriormente ao tsunami pela qual o país está passando, talvez tenha influenciado a se jogar na cidade oculta com confiança. Vale enfatizar o quanto as jornadas de junho de 2013, em São Paulo, inauguraram a era das manifestações incessantes no Brasil contra as políticas governamentais, de toda ordem. Multidões tomam as ruas das cidades brasileiras, feito peregrinações, modificando estruturalmente a relação com o espaço público - a noção de um corpo coletivo caminhando por lugares antes não caminháveis. Sintomaticamente, a partir desta data, surgem muitos coletivos e projetos de artistas-caminhantes, reconfigurando as relações de espaço e tempo na dinâmica complexa da malha urbana.



Fotografia: Edith Derdyk

Infelizmente um abismo se abriu diante de nós, por ora irreversível, sinalizando uma profunda transformação no cenário político ideológico brasileiro, revelando sintomas geradores de um retrocesso veloz e violento nas relações entre público e privado. O sistema financeiro capitalizou estas forças vitais do corpo coletivo que tomou as cidades pelos pés, blindando os espaços públicos, privando o convívio das diferenças, tornando a cidade um palco higienizado. Enfatizo estas questões pois, atualmente, no Brasil, caminhar pode ser um ato muito perigoso e talvez revolucionário, justamente por todos os impedimentos que estão sendo erguidos contra a mobilidade do próprio pensamento.

Inclusive, no momento exato em que escrevo esta comunicação, corremos o risco da perda de nossa soberania nacional! Outras paisagens são entrevistas e cada vez mais o ato de caminhar reivindica estados libertários.